

20 de Março de 2008

CONTAS ECONÓMICAS DA SILVICULTURA

2006

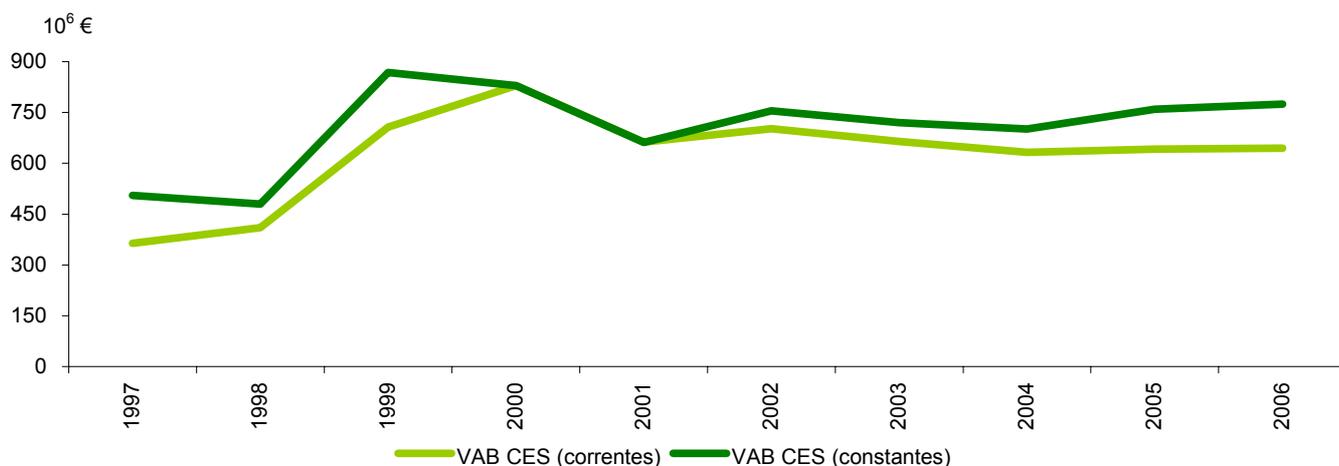
VALOR ACRESCENTADO BRUTO DA SILVICULTURA ESTAGNOU EM 2006

O Valor Acrescentado Bruto (VAB) da Silvicultura apresentou, em 2006, uma quase estagnação do seu valor nominal (+0,4%) e um ligeiro aumento em volume (+2%), face a 2005.

No *Dia Mundial da Floresta*, o INE divulga as Contas Económicas da Silvicultura (CES) para 2006, com uma breve análise dos últimos 10 anos de actividade silvícola em Portugal. Para além do papel fundamental no ambiente, a Floresta gera valor económico através da fileira de actividades com ela relacionadas: Silvicultura, Exploração Florestal e Indústria Transformadora de papel, madeira e cortiça.

O Valor Acrescentado Bruto (VAB) da Silvicultura apresentou, em 2006, uma quase estagnação a preços correntes (+0,4%) e um aumento de 2%, em volume, relativamente a 2005. Porém, quando comparado com o ano 2000, em que o VAB a preços correntes atingiu o valor máximo, na série em análise, o decréscimo nominal é acentuado, rondando os 22%. A partir de 2000, os preços decresceram continuamente.

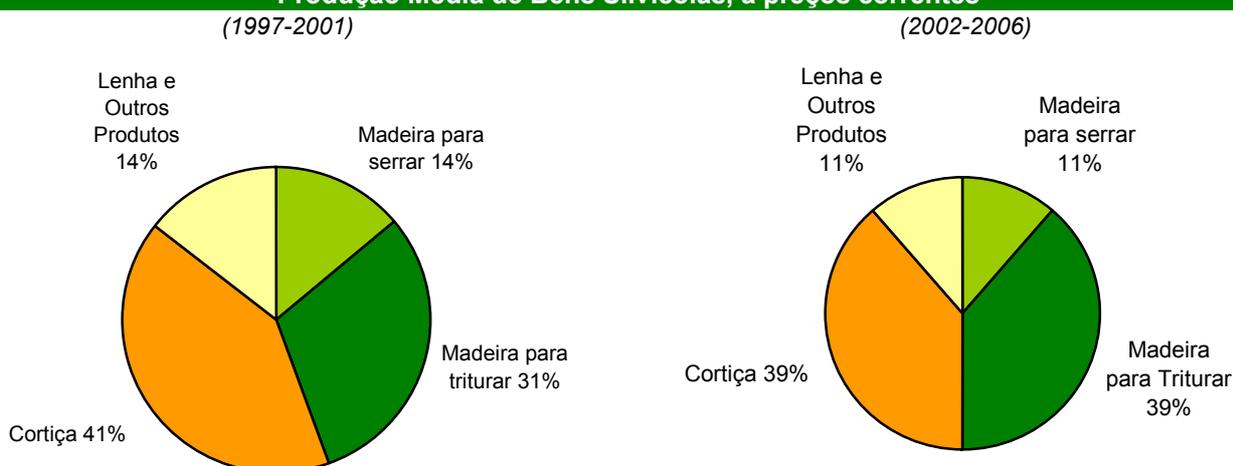
VAB da Silvicultura



A produção do Ramo Silvícola compreende, na Base 2000, não só as actividades de Silvicultura e Exploração Florestal (abate de árvores, remoção de madeira e descortiçamento), mas também o Crescimento Líquido da Floresta (saldo entre o acréscimo de madeira ou cortiça nas árvores e a diminuição dos povoamentos por corte, doença ou incêndios).

Os produtos com maior relevo na estrutura da produção silvícola portuguesa são a Cortiça e a Madeira (nomeadamente a madeira para triturar). Comparando os quinquênios 1997-2001 e 2002-2006, observa-se um expressivo aumento (+8pp.) da importância relativa da Madeira para Triturar (matéria-prima das indústrias de painéis e pasta de papel). A Cortiça decresce ligeiramente (passa de 41% para 39%). A Madeira para Serrar (matéria-prima da indústria de mobiliário) decresce 3pp. A estrutura da produção do último ano da série (2006) não se distancia significativamente da média do quinquénio em que se insere, com a Madeira para Triturar e a Cortiça a totalizarem 39% e 38% da produção, respectivamente.

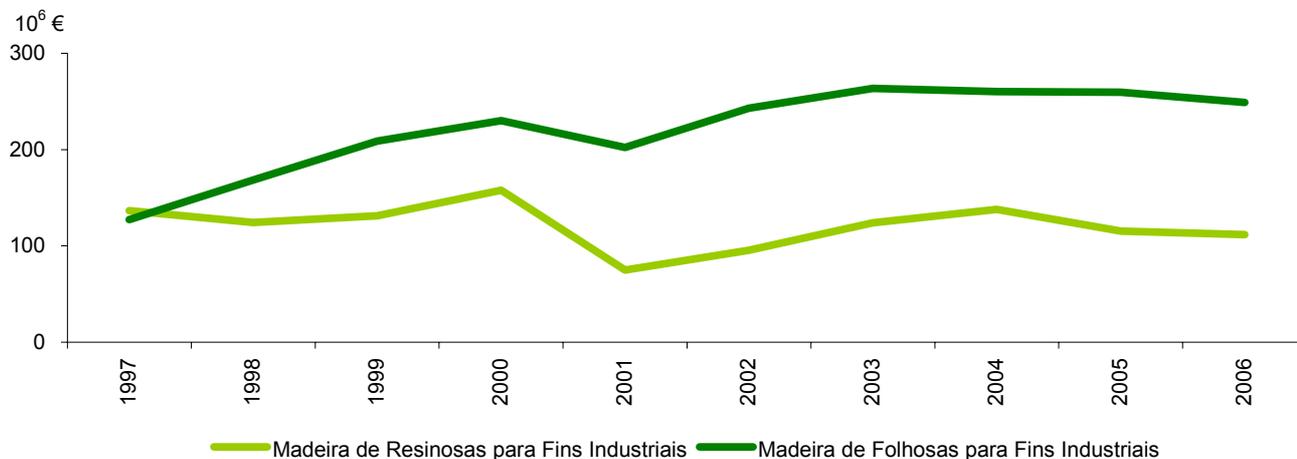
Produção Média de Bens Silvícolas, a preços correntes



Analisando a evolução da produção de madeira em termos de espécies, é possível observar que, nos últimos 10 anos, a produção de Madeira de Folhosas registou uma tendência de crescimento, em oposição à Madeira de Resinosas. A primeira é constituída fundamentalmente por eucalipto, principal matéria prima das indústrias de celulose, pelo que este crescimento reflecte o aumento de importância verificado na madeira para triturar. O pinheiro bravo é a principal espécie resinosa, em termos de utilização para fins industriais. Apesar deste tipo de madeira ser também usado para trituração, o seu principal fim é a indústria de mobiliário. A tendência de decréscimo nominal traduz o menor dinamismo relativo observado na madeira para serrar, quando comparada com a madeira destinada a trituração.

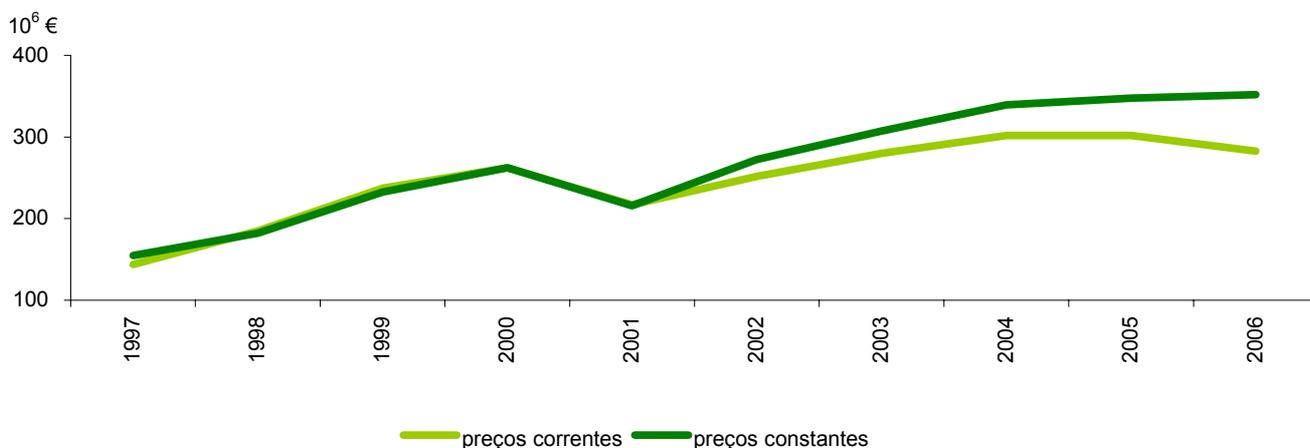
Produção de Madeira, por espécies

(Preços correntes)



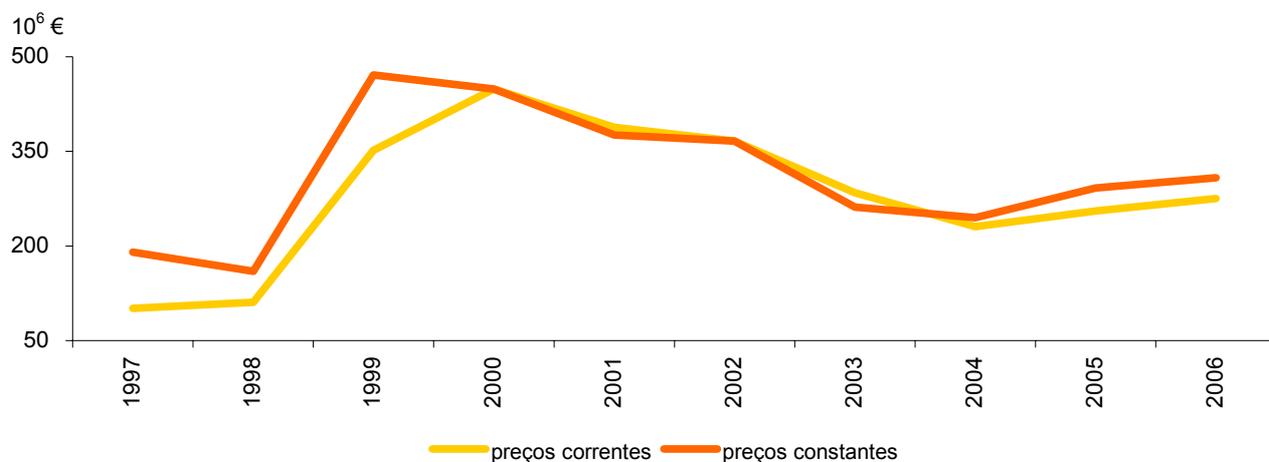
O decréscimo da produção de Madeira para tritar, a preços correntes, em 2006 (-6%), deveu-se, fundamentalmente, à baixa dos preços no produtor de Madeira para pasta de papel, uma vez que o volume cresceu 1,0%. A produção de madeira para tritar registou uma tendência crescente, em volume e valor, na série em análise. Destaca-se o aumento em volume observado em 2003 e 2004, anos de grandes incêndios, na sequência dos quais aumentou significativamente a venda de madeira às unidades transformadoras, apesar do nível de preços ter decrescido. O ano de 2001 foi marcado por um forte decréscimo em valor (-17%), da produção de Madeira para tritar, resultante da baixa do preço no produtor, que não estimulou a venda às fábricas.

Produção de Madeira para Triturar



Relativamente à Cortiça, após um período de contínuo declínio da produção real e nominal (2001-2004), dado o envelhecimento e doenças dos montados de sobreiro, verificou-se, em 2005 e 2006, uma grande recuperação da produção. Em 2005 o preço da Cortiça foi baixo, pelo que os produtores optaram por descortiçar menos do que seria possível. O ano de 2006 foi um bom ano para o sector, pois, para além das perspectivas de produção (qualidade) serem boas, havia um grande *stock* nas árvores, o que permitiu que mais cortiça pudesse ser vendida, a preços mais altos. Nesse ano, o volume aumentou 6% e os preços 2%, daí resultando um acréscimo de valor de 8%.

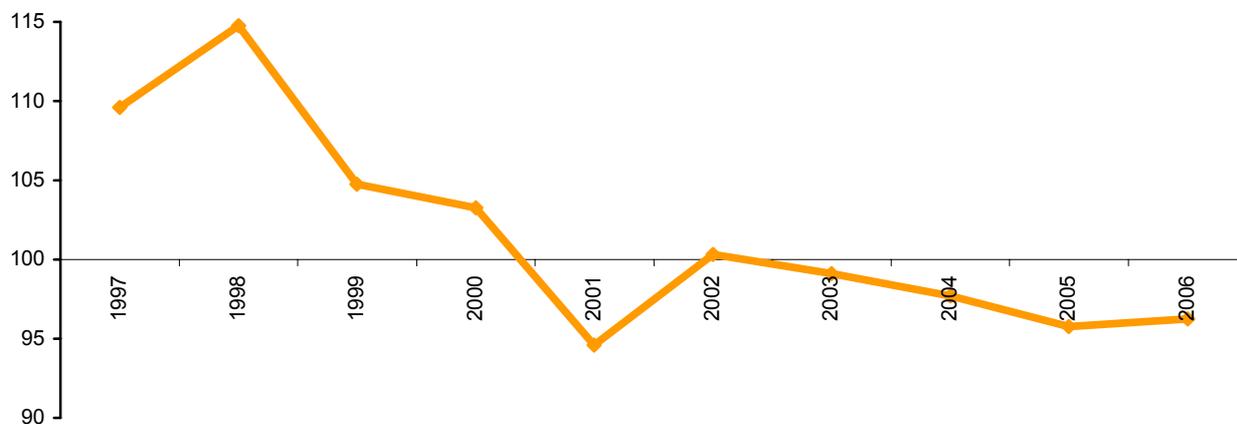
Cortiça



No que respeita à evolução da Tesoura de Preços (rácio entre o índice implícito de preços da Produção e o índice de preços do Consumo Intermédio), são de assinalar, desde 2003, os termos desfavoráveis ao produtor florestal. Esta relação desvantajosa entre preços da Produção e despesas correntes é explicada, entre outros factores, pelo forte aumento de preços dos bens energéticos (principalmente combustíveis).

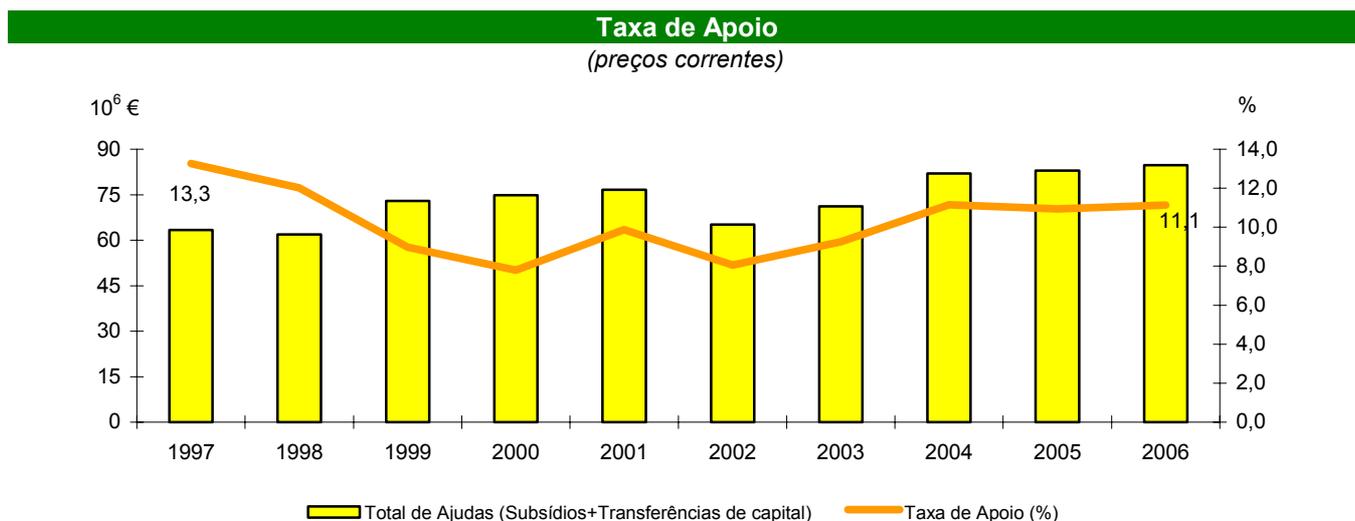
Tesoura de Preços

IP Produção/IP CI



Os apoios à actividade silvícola subdividem-se em “Subsídios aos Produtos”, “Outros Subsídios à Produção” e “Transferências de Capital”. Como “Subsídios ao Produto” são classificadas as ajudas que têm como objectivo suportar financeiramente a conversão de áreas agrícolas em florestais. Nos “Outros Subsídios à Produção” consideraram-se os apoios destinadas a compensar a perda de rendimento pela florestação de superfícies agrícolas, isto é, os subsídios não directamente relacionadas com o volume de produção. Como “Transferências de Capital” estão contempladas as ajudas que se destinam a apoiar medidas de investimento na actividade silvícola, como é o caso da manutenção de povoamentos, protecção da floresta contra a poluição e protecção da floresta contra incêndios, nomeadamente controlo de matos e abertura de linhas corta-fogo.

O ano de 2006 é o que apresenta maiores apoios à Silvicultura, os quais têm vindo a registar uma tendência de crescimento desde 2002. No entanto, a Taxa de Apoio (quociente entre o total de Ajudas e a Produção da Silvicultura, a preços correntes), na série em análise, tem o seu valor máximo em 1997 (13,3%).



Subtraindo ao VAB o Consumo de Capital Fixo, as Remunerações, as Rendas e os Juros a pagar e adicionando os Outros Subsídios à Produção e Juros a Receber, obtém-se o Rendimento Empresarial Líquido (REL). Apesar de uma notória tendência de crescimento nominal no decénio em análise, este agregado apresenta-se praticamente inalterado desde 2004.

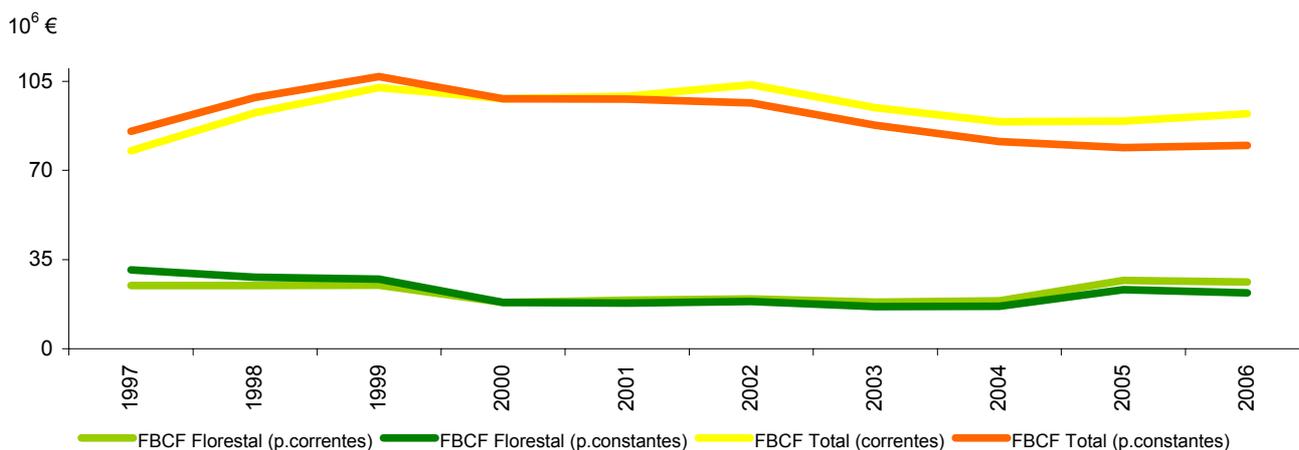
Rendimento Empresarial Líquido

(preços correntes)



A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) aumentou, em valor (+3%) e volume (+1%), no ano de 2006. O ano de 2005 destaca-se devido ao significativo aumento de volume (+39%) da FBCF Florestal (plantações de eucalipto e sobreiro). Esta florestação intensa surgiu na sequência de dois anos de grandes incêndios, 2003 e 2004, que devastaram cerca de 10% da área florestal nacional. O ano de 2006 apresenta um decréscimo da FBCF Florestal de aproximadamente 6%, em volume, face ao ano transacto.

Formação Bruta de Capital Fixo



Notas metodológicas:

As Contas Económicas da Silvicultura (CES) representam um quadro sistemático, harmonizado e o mais completo possível da actividade silvícola, de modo a permitir a elaboração de rubricas e de indicadores, num sistema coerente e harmonizado de contas. As CES têm como referência o “Manual das Contas Económicas da Agricultura e Silvicultura 97 (Rev. 1.1)” do Eurostat. Tratando-se de uma Conta Satélite, a metodologia utilizada tem como base o Sistema Europeu de Contas 1995 (SEC 95) e, por via deste, o Sistema de Contas Nacionais das Nações Unidas (SCN 93).

A compilação destas contas implica a recolha, a compilação, a análise e o tratamento de informações provenientes de inquéritos, registos administrativos, informações de peritos e estimativas, com vista a estabelecer agregados e indicadores macroeconómicos. Não sendo exaustivo, o quadro seguinte apresenta as principais rubricas das CES e as relações que se estabelecem entre elas:

1	Produção de Madeira para Fins Industriais
2	Produção de Outros Produtos
3	Produção de Serviços Silvícolas
4	Produção do Ramo Silvícola (1+2+3)
5	Consumo Intermédio
6	Valor Acrescentado Bruto a preços de base (4-5)
7	Consumo de Capital Fixo
8	Valor Acrescentado Líquido a preços de base (6-7)
9	Remuneração dos Assalariados
10	Outros Impostos sobre a Produção
11	Outros Subsídios à Produção
12	Rendimento dos Factores (8-10+11)
13	Excedente Líquido de Exploração/ Rendimento Misto (12-9)
14	Rendas a Pagar
15	Juros a Pagar
16	Juros a Receber
17	Rendimento Empresarial Líquido (13-14-15+16)

Os quadros para a série completa das CES (1986-2006), poderão ser consultados no Portal do INE.